

COVID-19 na Região de Campinas

Equipe:

Paulo Ricardo S. Oliveira (Coordenador) ¹
André Giglio Bueno ²
Felipe Pedroso de Lima ³
Nicholas Rodrigues Neves Le Petit Ramos ⁴

Até o dia 30/01, **o Brasil notificou 9,1 milhões de casos e 223,9 mil mortes pela Covid-19, com uma taxa absoluta média de 51,5 mil novos casos e 1,07 mil novas mortes por dia.**

Este levantamento apresenta as estatísticas de casos e mortes por 100 mil habitantes, bem como o comportamento das curvas de contágio e óbitos para a semana iniciada em 24/01 e encerrada em 30/01 – semana epidemiológica de número 04, no calendário das autoridades de Saúde. A última parte do documento apresenta considerações sobre as questões socioeconômicas e de saúde por parte dos especialistas.

¹ Professor extensionista e economista do Observatório PUC-Campinas, e-mail: paulo.oliveira@puc-campinas.edu.br

² Professor e médico infectologista da PUC-Campinas/ Hospital e Maternidade Celso Pierro

³ Graduando em Geografia e extensionista da PUC-Campinas (mapas)

⁴ Graduado em Economia pela PUC-Campinas (curva epidemiológica)

Números da Covid-19 em Campinas (DRS e Região Metropolitana)

A **Tabela 1** apresenta as estatísticas semanais de casos e óbitos para os Departamentos Regionais de Saúde (DRS) do estado de São Paulo.

O **DRS-Campinas é o segundo em número de casos e óbitos, atrás, apenas, da Grande São Paulo**. Até 30/01, foram notificados 191,4 mil casos e 4,7 mil mortes, na região de Campinas – letalidade de 2,99%. **Na Região Metropolitana de Campinas (RMC⁵) foram 139,5 mil casos e 3,5 mil óbitos, até o momento – letalidade de 2,57%**. Por fim, o município de Campinas registrou 51,7 mil casos até o momento, com 1,6 mil óbitos – letalidade de 2,75% -- ver <https://observatorio.puc-campinas.edu.br/covid-19/>.

Em linhas gerais, **11 dos 17 Departamentos Regionais de Saúde apresentaram taxas decrescentes de novos casos**. Em relação à semana anterior, quando o ritmo de avanço da pandemia estavam praticamente estáveis **no DRS-Campinas, os casos e mortes tiveram queda nesta semana**, como mostram a **Tabela 1** e a **Figura 1**.

⁵ Recorte menor do Departamento Regional de Saúde de Campinas, com 19 municípios do DRS-Campinas mais Engenheiro Coelho.

Tabela 1 – Casos e Óbitos nos Departamentos Regionais de Saúde do Estado de São Paulo

Dep. Reg. Saúde	Casos Absolutos	Óbitos Absolutos	Novos Casos		Novos Óbitos	
			Abs.	Var %	Abs.	Var %
Grande São Paulo	773761	29612	26401	-0,4%	637	-17,7%
Campinas	191412	4776	8555	2,7%	140	9,4%
São José do Rio Preto	104545	2563	4122	10,4%	106	39,5%
Taubaté	101285	1925	8947	22,8%	84	-14,3%
Sorocaba	87514	1955	5312	24,5%	81	9,5%
Baixada Santista	86235	3026	2277	1,7%	59	-14,5%
Piracicaba	74959	1507	3751	-11,2%	42	-20,8%
Bauru	74218	1214	4687	20,4%	67	24,1%
Ribeirão Preto	63870	1832	2486	1,8%	70	55,6%
Araçatuba	36257	839	1463	-21,0%	42	16,7%
Marília	34932	656	2500	2,7%	60	42,9%
Araraquara	33484	527	1868	3,3%	29	61,1%
São João da Boa Vista	27277	556	2007	62,8%	25	150,0%
Presidente Prudente	25815	614	1252	-1,9%	21	-16,0%
Franca	23371	594	2088	30,4%	42	61,5%
Barretos	20251	439	704	-19,6%	15	50,0%
Registro	13524	319	303	-63,0%	15	200,0%

Fonte: Observatório PUC-Campinas, com base nos dados do SEADE-2020.

[figura 1]

Figura 1. Curva Epidemiológica Região de Campinas

A variação do DRS-Campinas em termos de novos casos foi de 8,5 mil casos (+2,68%); RMC, 6,0 mil casos (+5,35%) e Campinas, 2,7 mil casos (-0,48%). Em relação à

semana passada, as novas mortes no DRS-Campinas totalizaram 140 (+9,37%); na RMC, 103 (+14,4%), em Campinas 44 mortes (-6,38%).

As **Figuras 2 e 3** mostram os coeficientes de incidência e mortalidade por 100 mil habitantes por municípios.

[figura 2]

Figura 2. Mapa de Casos da Covid-19 nos Municípios do DRS-Campinas e Engenheiro Coelho

Neste momento, os municípios com **menor incidência** são **Vargem e Tuiuti, com 970 e 1.387 casos por 100 mil habitantes**, respectivamente. Na outra ponta, **Paulínia, Indaiatuba e Jundiá** são os municípios com maior incidência, todos com mais de 5.000 casos por 100 mil habitantes. **Em relação aos demais municípios paulistas**, 12 dos 42 municípios do DRS-Campinas e dez dos 20 municípios da RMC estão entre os 25% de maior incidência – corte em 4.323 casos por 100 mil habitantes.

[figura 3]

Figura 3. Mapa da Mortalidade pela Covid-19 no DRS-Campinas e Engenheiro Coelho

Além disso, **Santa Bárbara d'Oeste e Campinas continuam entre os municípios com maior índice de mortes do DRS-Campinas, com 135 e 140 mortes por 100 mil habitantes, respectivamente**. Esses municípios estão, inclusive, no grupo dos 25% dos municípios com maiores taxas de mortalidade, no estado de São Paulo, com corte em 104 mortes por 100 mil habitantes.

Análise dos especialistas

As últimas semanas foram marcadas pela reversão do avanço da flexibilização das medidas de isolamento social, baseadas no **plano São Paulo**. De acordo com último relatório do Governo do estado, publicado no dia 29/01/21, 7 dos 17 departamentos encontram-se na fase vermelha; as demais estão situadas na fase laranja. Além disto, todo o estado está estará intermitentemente na fase vermelha, entre as 20h e as 6h,

todos os dias da semana, e durante finais de semana e feriados nesta semana (até 07/02).

Da perspectiva da saúde, em diversas cidades da região o mês de janeiro foi aquele com mais notificações de casos durante toda a pandemia até o momento. Os dados do estado de São Paulo como um todo apontam 314.973 notificados nesse mês de janeiro, contra os 261.009 do mês de julho e 261.975 em agosto⁶. Os números de óbitos e internações, entretanto, ficaram abaixo dos meses de junho, julho e agosto, refletindo o aumento no diagnóstico de casos mais leves, sobretudo em indivíduos mais jovens. Tais valores, porém, vêm apresentando significativos aumentos desde o mês de novembro.

O sistema de saúde segue bastante pressionado no município de Campinas, com média de ocupação de leitos intensivos na última semana de 83,4%. Novos leitos seguem sendo abertos/remobilizados para acomodar a alta demanda. Nesta última semana houve uma redução de 3% no número de novas internações na DRS-Campinas em relação à semana passada. Apesar de ainda ser um número elevado (931), semelhante aos números do fim do mês de agosto, foi a primeira redução deste indicador nas últimas quatro semanas. Aguardemos os números das próximas semanas para verificar se esta tendência irá de fato se estabelecer. Passadas quatro semanas dos feriados de fim de ano é bem provável que todos os efeitos diretos das aglomerações nestas datas já tenham se demonstrado nestes dados de janeiro. Resta saber se o cansaço da população com as medidas restritivas, a insistência do governo federal em propagar desinformação sobre as iniciativas de combate à epidemia e as pressões na área econômica permitirão uma redução consistente das transmissões.

A preocupação com a circulação de novas variantes potencialmente mais transmissíveis é grande, uma vez que pode impor desafios maiores ao controle da epidemia. Ritmo da campanha de vacinação segue ainda aquém de todo o potencial do

⁶ <https://observatorio.puc-campinas.edu.br/covid-19/>

sistema único de saúde devido à escassez de doses. Sem dúvida a vacina é o melhor caminho para uma mudança drástica do cenário atual.

Do ponto de vista econômico e social, não só os efeitos da primeira onda ainda estão presentes no contexto econômico e social, mas vivemos, também, aumento das restrições ao funcionamento de atividades econômicas diante do recrudescimento dos casos. Destaca-se que, neste momento, o Estado está dividido entre regiões na fase laranja e vermelha, mas todo território estadual estará na fase vermelha entre as 20h e as 6h, e aos finais de semana e feriado. **Na prática, isto significa que além das restrições de ocupação e horário da fase laranja, todas as atividades econômicas deverão encerrar as atividades a partir das 20h nos dias úteis, e não operar aos finais de semana.**

Até o momento, o governo federal insiste no encerramento do Auxílio Emergencial e demais medidas de atenuação dos efeitos da pandemia. Ao mesmo tempo, tem se formado o consenso dentre os analistas de mercado de que **a vacina é a única solução definitiva para o fim das restrições impostas às atividades econômicas**. Neste sentido, embora a vacinação tenha sido iniciada, o Governo Federal tem demonstrado despreparo para prosseguir com um amplo programa de vacinação nacional, abrindo espaço, inclusive, para atuação descoordenada de estados e municípios.

Os últimos dados do PIB, referente ao 3T/2020, mostraram o crescimento de 7,7% em relação ao 2T/2020, quando houve um decréscimo recorde da atividade econômica (-9,6%). Quando se analisa o crescimento entre janeiro e setembro de 2020, em comparação com o mesmo período de 2019, observa-se uma queda de 5% do PIB. A expectativa dos analistas do governo é que a economia brasileira feche o ano de 2020 com queda de 4,5%.

Os últimos dados da pesquisa de atividade, mostram que a indústria cresceu 1,2%, comércio -0,1% e serviços 2,6%, em outubro de 2020. No acumulado do ano, em comparação com o mesmo período de 2019, a produção industrial recuou -5,5%, a atividade de serviços recuou -8,3% e o comércio cresceu 1,2%.

Alguns dados do mercado de trabalho seguem sem atualização na PNAD-COVID. Na quarta semana de setembro, a taxa de desemprego ficou em 14,4%, patamar que era de 10,5% na primeira semana de maio/2020. Além disso, as reduções de carga horária e salários, bem como o desalento (quando as pessoas desistem de procurar emprego), camuflam a alta subutilização do trabalho na economia brasileira – 15,3 milhões de pessoas não procuram emprego devido à pandemia ou à falta de trabalho em suas regiões. Em novembro/2020, 19,6% dos trabalhadores estavam com rendimento menor do que o normalmente recebido e aproximadamente 32,1% dos domicílios paulistas receberam o Auxílio Emergencial. A média do benefício por domicílio, que era de R\$ 901,00, atingiu R\$558,00 em novembro de 2020, e, desde 31/12/2020 está sem previsão de continuidade.

Como temos reforçado, a sustentabilidade da retomada econômica vai depender da retomada/sustentabilidade da capacidade de consumo das famílias, da política de gastos públicos e da recuperação da economia internacional. O auxílio emergencial teve papel substancial para manutenção do consumo das famílias mais pobres e mais afetadas pela crise. O setor externo dava sinais de recuperação, sobretudo pelo crescimento do volume de exportações, embora com viés para importação de commodities agrícolas e minerais do Brasil. Porém, a segunda onda na Europa e nos Estados Unidos, deve afetar as exportações do Brasil para esses destinos (17% das exportações da RMC destinam-se aos Estados Unidos), até que a vacina passe a afetar os indicadores de controle da pandemia. A RMC fechou 2020 com queda -22,2% das exportações, -9,9% das importações e -3,8% do saldo da balança comercial. **Para uma região industrial, com alta dependência da importação de insumos, esses números indicam queda da atividade produtiva externa e interna.**

Como complicador, preocupa o comportamento de alguns índices de inflação, resultantes dos gargalos de oferta em alguns setores importantes de insumos. A indústria brasileira depende consideravelmente de insumos importados, e com o dólar alto, e a dificuldade de ajuste rápido na oferta de alguns insumos diante dos primeiros passos da retomada da demanda internacional, os preços para os

produtores internos têm subido, já causando alguns reflexos para o consumidor final. **O IGP-M (Índice Geral de Preços do Mercado), calculado pela FGV, atingiu 23,14% em 12 meses, em dezembro 2020.** Esse índice captura, também, aumentos nos custos de insumos que podem ser repassados para o consumidor final em algum momento, sobretudo diante do reaquecimento da demanda interna ante a persistência do gargalo de oferta.

Por outro lado, o governo federal insiste no diagnóstico de que os impactos econômicos serão de curto prazo e na manutenção do teto de gastos. O “orçamento de guerra”, que permitiu a ampliação de R\$577,55 bilhões no orçamento de R\$3,6 trilhões para 2020, acabou no último 31 de dezembro. Sem a revogação do teto dos gastos, os programas de preservação da renda e do emprego ficam sem previsão de orçamento, de forma que a viabilidade fiscal dos mesmos vai depender, novamente, de outras medidas extraordinárias como um novo “orçamento de guerra”. O governo, no entanto, já tem sinalizado que não pretende continuar com esses programas. **Seguimos afirmando que, sem medidas de proteção da renda e do emprego e diante do cenário econômico e social atual, os efeitos da pandemia podem ser devastadores para economia brasileira, e conseqüentemente para economia regional nos próximos meses.**

ANEXOS ANEXO – 1 Covid-19 nos DRS-São Paulo.

[Anexos]